

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Educação patrimonial em variados territórios: relato de uma experiência itinerante

Manuelina Maria Duarte Cândido¹

Resumo: Texto com o relato e as reflexões decorrentes de uma experiência de educação patrimonial realizada em municípios do interior do estado do Ceará durante o projeto Secult Itinerante (2005/2006), da Secretaria de Cultura do Estado, no qual atuamos como educadora em 5 municípios. O maior desafio foi o território de aplicação: diferentes cidades do interior do Ceará, nem todas conhecidas por mim. Admiti (e aprendi com isso) que de qualquer maneira não cabia ao professor indicar as referências patrimoniais da cidade a serem estudados, a partir do seu 'olhar estrangeiro'. Assim, elaborei uma estratégia para discutir com os alunos conceitos de patrimônio, História, memória, cultura e outros, mas captar junto ao grupo seu próprio recorte do patrimônio a ser preservado localmente. A educação patrimonial, mais que qualquer outra metodologia, precisa considerar os referenciais do educando, seu papel enquanto sujeito que participa da construção do processo educativo, sua identidade e seus valores culturais. Apresento aqui a experiência realizada e alguns resultados.

Palavras-chave: Patrimônio, educação patrimonial, preservação

Resume: Texte avec le rapport et les réflexions courants d'une expérience d'éducation patrimoniale réalisée dans districts municipaux de l'intérieur de l'état de Ceará pendant le projet Secult Itinerante (2005/2006), de la Secretarie de Culture de l'Etat dans lequel nous avons agi comme éducateur dans 5 villes. Le plus grand défi a été le territoire de l'application: villes différentes de l'intérieur de Ceará, ni toutes connues par moi. J'ai admis (et j'ai appris avec cela) qu'en aucune façon n'est pas une attribution du professeur indiquer les références patrimoniales de la ville pour être étudiées, d'accord avec un 'regard étranger.' Donc, j'ai élaboré une stratégie pour discuter avec les élèves concepts du patrimoine, Histoire, mémoire, culture et autre, mais capter dans le groupe sa propre idée du patrimoine devant être conservé localement. L'éducation patrimoniale plus que tout autre méthodologie, doit considérer le parametres des élèves, son rôle pendant que sujet qui participe à la construction du processus éducatif, son identité et leurs valeurs culturelles. Je presente ici l'expérience accomplie et quelques résultats.

Mots-Clé: Patrimoine, éducation patrimoniale, preservation

Este artigo pretende apresentar o relato e as reflexões decorrentes de uma experiência de educação patrimonial realizada em municípios do interior do estado do Ceará no âmbito do projeto Secult Itinerante, realizado entre agosto de 2005 e julho de 2006, no

¹ A autora é Historiadora (UECE-1997), Especialista em Museologia (USP-2000) e Mestre em Arqueologia (USP-2004), atualmente dirige o Museu da Imagem e do Som do Ceará.

qual atuamos como educadora. O projeto Cultura em Movimento – Secult Itinerante, desenvolvido pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, percorreu os 184 municípios do estado do Ceará, com eventos estruturantes, espetáculos, capacitação, entre outras ações. O Instituto de Arte e Cultura do Ceará, IACC, executor do projeto, propôs a realização de Oficinas de Educação Patrimonial em nove municípios cearenses, cinco dos quais foram ministrados por esta educadora e serviram de base para a reflexão a seguir². Cabe esclarecer que não fazia então parte da instituição, que apenas prestei serviços neste programa.

Quando fui convidada para integrar o projeto, o maior desafio que se apresentava era relativo ao território de aplicação: diferentes cidades do interior do Ceará, nem todas conhecidas por mim. Sobre a primeira, para a qual iria em uma semana, eu nada sabia até receber o convite: uma pequena cidade de 7 mil habitantes que certamente não estava no roteiro dos municípios considerados oficialmente como detentores de um rico patrimônio cultural preservado. A título de informação, o Ceará tem hoje quatro cidades com áreas urbanas tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): Aracati, Icó, Sobral e Viçosa. Portanto, ali começava o desafio dos ‘novos territórios a serem explorados’.

Na reflexão sobre que abordagem utilizar nas oficinas tive a colaboração de Juliana Marinho, que respondia no IACC, pela capacitação no âmbito do patrimônio cultural. De sua iniciativa havia já um direcionamento para que a oficina contasse com atividades práticas, havia inclusive um material previamente adquirido para uso em sala de aula: diferentes papéis e cartolinas, tesouras, cola, lápis de cor, canetinhas coloridas. Além disso, uma bibliografia básica que orientava a proposta aprovada antes de minha adesão a ela. Mas ainda era necessário detalhar o programa e as estratégias e vencer em poucos dias a dificuldade da professora não conhecer pessoalmente as referências patrimoniais que seriam abordadas na oficina.

O salto qualitativo da experiência foi admitir que de qualquer maneira não cabia ao professor chegar com uma lista de bens patrimoniais da cidade a serem estudados, já que este ia de fora, possuía, mesmo nas cidades que já conhecia e estudara, um ‘olhar estrangeiro’. Assim, elaborou-se uma estratégia para captar junto ao grupo de alunos da oficina sua idéia do que era patrimônio na cidade, como será detalhado no final do texto. Inicialmente, irei apresentar o referencial teórico do campo do patrimônio e da educação patrimonial que levaram a esta escolha.

² Itaiçaba, Aracati, Quixeramobim, Pacajus e Acaraú.

O patrimônio cultural brasileiro é compreendido como o conjunto dos “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Constituição Federal de 1988, Artigo 216). O desafio é, dentro desta imensidão conceitual, dar voz a tão diversas identidades e memórias e dar conta que esta noção de patrimônio envolve, para além da diversidade intrínseca, disputas de poder e negociações culturais que marcam os processos de seleção inerentes à preservação: jogos entre memória e esquecimento.

A educação patrimonial é, pois, “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo.” (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999: 06) É ainda “um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido.” (idem: 06).

Porém, este processo de instrumentalização para a leitura do mundo não deve partir apenas dos referenciais do que o educador considera cultura ou patrimônio. É exatamente porque quando se trata de patrimônio deve prevalecer a idéia do que o grupo estabelece como referência para si, aquilo com o que se identifica, a educação patrimonial necessita se embasar em trocas e na construção coletiva do conhecimento:

No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em ‘reciprocidade de consciências’; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo. (FIORI, in FREIRE, 2005: 10)

A mediação no campo da educação patrimonial é, como todo o resto do trabalho relativo à memória, uma instância de seleção, de recortes. Assim sendo, requer evidenciar para o público que outros olhares seriam possíveis, dar espaço para a multiplicidade e divergência de interpretações. Ela ocorre não apenas entre o objeto e o educando, mas entre os diferentes olhares que surgem neste grupo. Deve favorecer as trocas, para que os saberes interajam em reciprocidade, sem imposição de uma leitura específica e sem ‘repassar informações’.

Outro amparo conceitual usado foi o da pedagogia museológica como

[...] pedagogia direcionada para a educação da memória, a partir das referências patrimoniais que, por um lado, busca amparar do ponto de vista técnico os procedimentos museológicos e, por outro, procura ampliar as

perspectivas de acessibilidade e problematizar as noções de pertencimento.
(BRUNO, in MILDER, 2006: 122)

A pedagogia museológica contribui com a possibilidade de repasse às comunidades de procedimentos de salvaguarda e comunicação patrimoniais de forma a que sua apropriação permita a estas comunidades atuar por sua própria iniciativa para a preservação e extroversão de seu patrimônio. Compreenda-se que esta pedagogia não se limita à aplicação em instituições, mas em processos museológicos, que podem ser desencadeados em horizontes muito mais amplos, sempre que se pretenda

Identificar e analisar o comportamento individual e/ou coletivo do Homem frente ao seu patrimônio e desenvolver processos - técnicos e científicos - para que a partir dessa relação o patrimônio seja transformado em herança e contribua para a construção das identidades. (BRUNO, 1996: 10)

Trazendo da experiência educativa em museus as noções de educação permanente e não formal, o trabalho com a educação patrimonial partiu da idéia de contribuir efetivamente com a formação dos grupos que se pudesse atingir no âmbito do Secult Itinerante, fossem escolares ou professores, jovens ou adultos, já que era esperado um perfil muito variado desde o momento de preparação do curso.

A educação permanente se contrapõe à idéia de que uma dúzia de anos ininterruptos de vida escolar seja o caminho único para a formação dos indivíduos, com uma proposta de extrapolar um período limitado de estudos com a oferta de outras possibilidades de educação ao longo da vida do cidadão. Da mesma forma, revê a separação entre escola e vida, marcante nos anos de escolaridade. Permite romper com a defasagem entre o “tempo escolar” e o “tempo da ação”, quando indivíduos em fase produtiva, por estarem fora da escola, tendem a estar cada vez mais desatualizados frente aos rápidos avanços das comunicações, ciências e tecnologias. A educação permanente seria “uma educação integral que abarque toda a vida e todas as possibilidades do ser humano”. (FULLAT, 1979)

Já a educação não formal envolve conteúdos como conhecimentos relativos às motivações, à situação social e à origem cultural, entre outros, caracterizando-se pela ampliação do universo referencial dos indivíduos com vivências, experiências e repertório, situações estas que envolvem o encontro de gerações. Outros aspectos são a inexistência de obrigatoriedade e flexibilidade de tempos e espaços em que ocorre, sem que haja órgãos reguladores, mesmo que seja usada de forma a enriquecer a educação formal.

Embora os cursos tivessem alguma regulação, com de 40 horas/aula, controle de frequência e emissão de certificado pelo IACC, procurou-se usar das noções acima a

evocação da origem cultural dos indivíduos e a busca pela ampliação de seu universo referencial, além da estratégia de propiciar o encontro de gerações. Na prática, os cursos atraíram um público que ia de professores e estudantes de ensino médio a radialistas, vereadores envolvidos com a criação de legislações municipais relativas a patrimônio, profissionais ligados às estruturas municipais de cultura, entre outras lideranças, inclusive de comunidades artesãs. Estes, percebendo que o tema da educação patrimonial de alguma forma lhes tocava, apareceram na expectativa de ter um contato maior com as discussões na área e se perceberem melhor como agentes da preservação do patrimônio em sua cidade. Outros, é verdade, ao verem a lista de oferta de cursos não compreenderam o que vinha a ser a educação patrimonial, mas atraídos por um certificado da Secretaria de Cultura do Estado, inscreveram-se imaginando ali um caminho para uma ocupação futura, talvez, como eu soube depois, na listagem do patrimônio da prefeitura, “aquelas mesas e cadeiras que têm a plaquinha de patrimônio.”

O curso partia então de uma avaliação prospectiva do que cada grupo compreendia por patrimônio. Neste momento foi possível perceber a predominância de um discurso de valorização do patrimônio consagrado e etnocêntrico, com a referência a uma idéia de que cidades pequenas ou de recente emancipação, como foram alguns casos, não teriam História. O patrimônio estaria sempre fora, distante, no outro: na capital, na cidade vizinha que é maior ou mais velha, na Europa... Por outro lado, cidades mais antigas que haviam sido desmembradas pelas emancipações recentes ou que tinham passado por rápidos processos de transformação urbana se queixavam das perdas, foi recorrente a expressão: “esta é a cidade do já teve”. Percebeu-se que ao tratar de patrimônio o discurso tendia a identificar-se com a idéia da tradição e do inalterado, em detrimento da compreensão de dinâmica cultural, do patrimônio como algo vivenciado e, portanto, recriado no presente.

Portanto, iniciamos a formação com discussões mais conceituais sobre o que se pode entender por História, cultura, identidade/alteridade, memória, patrimônio, preservação. O professor teve o papel de trazer um aporte conceitual, colocar os alunos em diálogo com diversos autores por intermédio da leitura e discussão dos textos. Mesmo após um primeiro descortinar do universo conceitual do patrimônio, as concepções ainda eram em geral bastante marcadas por uma predominância da busca por edificações singulares como expressão daquilo que captura olhares e reflexões sobre necessidade de preservação. Portanto, os esforços foram centrados no alargamento do horizonte de compreensão do que pode ser considerado patrimônio, inserindo na discussão vertentes como o patrimônio imaterial, o arqueológico, o natural, mas alertando para que as categorias não são estanques, são mais didáticas, porém

inseridas numa compreensão integrada das referências patrimoniais. Nos debates já apareciam a partir deste momento exemplificações de indicadores da memória do município que não teriam sido pensados inicialmente: o rio, os artesãos, uma festa religiosa, um doce tradicional, a ruína da primeira casa, um santuário que atrai peregrinação, o carnaubal, a comunidade de pescadores, um artefato arqueológico achado ao acaso...

Os momentos iniciais do curso, portanto, foram planejados a partir da desconstrução de conceitos normativos de cultura e de patrimônio e da ampliação de horizontes a este respeito, inserindo nas discussões temáticas como a tensão entre memória e esquecimento, os poderes envolvidos na seleção do que preservar, a não neutralidade dos processos preservacionistas.

Só então foi proposta a atividade prática ao grupo de fazer ele mesmo sua seleção do patrimônio a ser preservado em sua cidade, consciente da responsabilidade e dos poderes envolvidos nisto, das exclusões e eleições que fariam. Divididos em pequenos grupos, os alunos fizeram pequenas listas de referências patrimoniais significativas para sua cidade, com o compromisso de equilibrar elementos de naturezas diferentes, sem carregar na escolha de apenas uma categoria patrimonial. É claro, assumimos que a atividade assim dirigida já resulta numa escolha bastante diferenciada do que seria sem induções *a priori*.

Feitas as seleções, o grupo completo construiu um roteiro de percurso pela cidade para que a turma visitasse, com a professora, os pontos indicados. O passo seguinte seria o registro fotográfico do patrimônio eleito para compor um mapa patrimonial do município a ser construído ao final do curso de educação patrimonial. O roteiro incluía em média 20 locais. Os pequenos grupos apresentavam aos demais o seu eleito, justificando a escolha, orientando a breve apreciação e fazendo as fotografias. O professor neste momento era aluno, aprendendo com quem era da cidade o que eles valorizavam ali e por que.

O último dia do curso era reservado à criação coletiva do mapa patrimonial, com uma planta da área urbana e um mapa do município inteiro colocados em um grande painel feito com quatro folhas de papel pardo. Neste painel eram distribuídas as fotos, cujas legendas eram criadas pelo grupo que selecionou aquele bem, e cada referência patrimonial tinha indicada, no mapa, sua localização, pela ligação da foto a um ponto das plantas do município. A atividade de uma maneira geral propiciou a sociabilidade dos alunos e a colaboração entre os diferentes saberes e experiências de gerações. O resultado, ainda que se utilizando um material bastante simples e pouco tempo de confecção, era bastante interessante do ponto de vista visual e significativo para quem participou da elaboração, além de ser, na maior parte dos casos, um primeiro material sobre o patrimônio da cidade passível de utilização em sala

de aula. Minimizava uma lacuna freqüentemente apontada por quem era professor, de que não havia um livro sobre a história da cidade, um material de apoio que eles pudessem utilizar com seus educandos. Em alguns casos, elaboramos juntos um calendário de itinerância do mapa entre as escolas do município, sob a responsabilidade dos alunos, que chegaram a optar pela plastificação do mapa para que ele resistisse mais ao trânsito pretendido por eles entre diversas instituições.



Imagem 1: Itinerância do mapa patrimonial nas escolas de Aracati-Ce (autora da foto: Rosângela Ponciano)

O exercício tinha também a função de sugerir uma atividade que eles poderiam mais tarde, com suas interferências e alterações, refazer em sala de aula. Cabe também esclarecer que outras discussões estiveram em pauta com alguma flexibilidade, de acordo com o público que aparecesse no curso. No geral, além de discussões teóricas, debates de textos e de cartas patrimoniais, discussão de trechos das legislações federal e estadual no tocante à cultura e ao patrimônio, e da realização deste exercício de construção do mapa patrimonial do município, apresentamos a metodologia da educação patrimonial, contando com uma presença de professores e outros potenciais agentes multiplicadores da metodologia em seus municípios. Mas como foi mencionado antes, presenças mais inusitadas como a de vereadores (em dois dos cinco municípios) levaram a ações mais específicas como a discussão de projetos de leis municipais de preservação patrimonial.

Bibliografia

ALENCAR, Vera. **Museu - educação: se faz caminho ao andar**. Rio de Janeiro: PUC, 1987. (Dissertação de Mestrado).

BARROSO, Oswald. **Memória do Caminho**. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2006.

BESSEGATO, Maurí Luiz. **O patrimônio em sala de aula: fragmentos de ações educativas.** Porto Alegre: Evangraf (2ª Ed.): 2004.

BITTENCOURT, Circe. (org.) **O Saber Histórico na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 1997.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia e comunicação.** Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, nº 9).

_____. **Museologia e turismo: os caminhos para a educação patrimonial.** São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1998.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória.** In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (org.). *As Várias Faces do Patrimônio.* Santa Maria: Pallotti, 2006. p. 119-140.

CONSTITUIÇÃO Federal de 1988, Artigo 216.

DIREITO à memória: patrimônio histórico e cidadania, O. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

DUARTE, Ana. **Educação patrimonial: guia para professores, educadores, monitores de museus e tempos livres.** Lisboa: Texto Editora, 1993.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria e NEVES, Kátia Regina Felipini. “Musealização, Arqueologia e Educação”. In: **Educación y Antropología.** [CD ROM]. www.naya.org.ar (org.), junho/2001.

DURBIN, Gail; MORRIS, Susan; WILKINSON, Sue. **A teacher’s guide to learning from objects.** English Heritage: 1993.

FALK, John H.; DIERKING, Lynn D. **Learning from Museums.** Visitor experiences and the making of meaning. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2000.

FIORI, Ernani Maria. **Aprender a dizer a sua palavra** (prefácio) in: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FULLAT, Octavio. **A educação permanente.** Rio de Janeiro: Salvat Editora, 1979. (Biblioteca Salvat de Grandes Temas).

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI. **Patrimônio Histórico e Cultural.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs.). **Turismo e patrimônio cultural.** São Paulo: Contexto, 2003

GIRAUDY, Daniele, BOUILHET, Henri. **O museu e a vida.** Rio de Janeiro: SPHAN Pró-Memória - MinC, 1990.

GRISPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e escola. Responsabilidade compartilhada na formação de públicos.** São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2000. (Tese de doutorado)

GUARNIERI, Waldisa R.C. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e preservação. **Cadernos Museológicos,** Rio de Janeiro, n.3, p.7-12, 1990.

HORTA, Maria de Lourdes P., GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial.** Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

MENESES, Ulpiano. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, nº 34. São Paulo: IEB/USP, 1992. p. 09-24

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MUSEU Paulista. **Como explorar um museu histórico**. São Paulo: Museu Paulista - USP, 1992.

NORA, Pierre (Org.). **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1992.

PEARCE, Susan M. (Ed.) **Museums and the appropriation of culture**. London: Atlantic Highlands : Athlone Press, 1994. (New Research in Museum Studies).

POMIAN, Krzysztof. 1984. “Coleção”. In: **Memória - História**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda. (Coleção Einaudi, 1)

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, Maria Célia Moura. **Repensando a ação cultural e educativa dos museus**. Salvador: Centro Editorial e Didático - UFBA, 1993.

SILVA, Marcos A. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Brasileinse, 1995.

VARINE, Hugues. **La culture des autres**. [Paris] : Éditions du Seuil, 1976.